

Crescer e simplificar

Blairo Maggi¹

Logo depois de deixar a presidência, em 1960, Juscelino Kubitschek começou a se preparar para voltar nas eleições seguintes. O projeto JK-65 tinha um slogan inédito: “5 anos de agricultura, 50 anos de fartura”. Era a nova versão dos 50 anos em 5 que o levou à vitória nas eleições de 1955. O movimento militar de 1964 enterrou a campanha e tirou JK da política. Desde então, nenhum outro presidente brasileiro governou com um programa voltado para a área agrícola nestes últimos 60 anos.

Naquela época, a maioria dos brasileiros vivia no campo. Nossa atividade agropecuária ainda não tinha atingido os níveis de excelência de hoje. O Brasil exportava café – que respondia por mais de 60% das nossas vendas externas –, cacau, açúcar e algodão. Soja, milho e carne in natura eram residuais. A virada imaginada por JK só teria sucesso se fosse radical. O destino tirou JK da política, e as prioridades mudaram com o governo militar. O investimento maciço foi em industrialização, com a política de substituição de importações.

Nossa agricultura não deixou de evoluir, mas isso aconteceu mais lentamente. Em 30 anos, deixamos uma produção quase rudimentar para transformar a produção agropecuária brasileira em agronegócio, com cotação em bolsas internacionais, como a de Chicago. Soja, milho e carnes são itens importantes da nossa pauta de exportações. A agricultura brasileira chegou ao século 21 como nosso principal pilar

econômico, capaz de segurar os efeitos perversos da crise desencadeada em 2014. Enquanto a indústria e os serviços sofreram perda e queda significativas na produção, os produtores rurais e nossa agroindústria foram responsáveis por 49% de tudo que o Brasil exportou no primeiro semestre deste ano. Vedemos US\$ 45 bilhões e conseguimos um superávit de US\$ 38,9 bilhões.

Esse é um resultado excelente, mas podemos e devemos querer mais. Depois de muitas décadas, temos um governo que se preocupa verdadeiramente com a nossa agropecuária. Temos hoje muito mais do que JK conseguiu sonhar na década de 1960. Somos uma potência agrícola. Temos alta produtividade, agricultura de precisão, produtos com qualidade insuperável – caso da carne – e podemos aumentar de 7% para 10% nossa participação no comércio agrícola mundial em cinco anos. Isso não é sonho; é realidade.

Nossa agenda para atingir esse objetivo não pode ser outra que não arrumar as malas e sair pelo mundo negociando com nossos parceiros comerciais. Vamos à Ásia, Oriente Médio, Europa, Estados Unidos e África trabalhar duro para ampliar nossos mercados e ocupar cada vez mais espaço. Da porteira ao supermercado, a cadeia do agronegócio brasileiro ocupa de 25 a 30 milhões de pessoas, quase 15% da população, e nossa produtividade cresce à taxa de 4,04% ao ano, contra 2,83% da China e 2,26% dos Estados Unidos. Portanto, há muito espaço

¹ Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

para nossa agricultura ocupar mundo afora. E não existe segredo, basta trabalhar duro, com entusiasmo, dedicação, foco e planejamento.

O outro ponto que considero fundamental é a desburocratização, a simplificação de nossas normas e procedimentos. A simplificação gera economia de tempo, dinheiro e recursos humanos. Nosso objetivo é facilitar a vida das pessoas, tanto quem depende do Mapa para resolver pendências quanto os servidores, que poderão aumentar sua eficiência. Por meio da portaria 109/2016, criei um grupo de trabalho para analisar, discutir e sugerir alterações de normas e procedimentos. Esse grupo está ouvindo representantes de diversos setores, relacionando suas demandas e estudando o que pode ser aperfeiçoado. Em agosto, espero que as primeiras ações de desburocratização possam ser colocadas em prática.

Quando optei por essas duas prioridades, sabia dos grandes desafios a enfrentar. Aumentar a participação do Brasil no agronegócio mundial para 10% exigirá empenho muito grande de nossa equipe e um esforço do nosso governo que envolve não apenas o Mapa, mas outras

áreas, como o Itamaraty. Já iniciamos um roteiro de viagens internacionais. Estive na China e nos Estados Unidos. Em setembro, teremos um roteiro com duração de 22 dias. Voltaremos à China para acompanhar a visita de Estado do Senhor Presidente da República Michel Temer, durante a qual patrocinaremos uma série de encontros empresariais, o que acontecerá também na Coreia do Sul, Tailândia, Myanmar, Vietnã, Malásia e Índia. Tenho certeza que traremos bons resultados.

Com relação à simplificação de normas, entendo que é um processo. Muitas iniciativas exigem mudança de hábitos, reciclagem dos nossos profissionais, modernização de processos e investimentos em infraestrutura. Algumas mudanças poderão ser sentidas de imediato, principalmente as que afetam diretamente a vida das pessoas. Na medida em que a simplificação for sendo implementada, tenho certeza que ela será incorporada à cultura do Mapa pelos resultados positivos que produzirá. Não temos dinheiro novo para fazer coisas novas, mas temos coisas velhas que podemos mudar para fazer dinheiro novo.